

catálise pesada

em qualquer química limpa, de equilíbrio tranquilo,
uma revolução espreita, em potência, um inimigo sujo
lateja entre os componentes reconhecidos da fórmula
pacífica, o reagente intruso dança, ainda oculto, no
ambiente aparentemente belo do laboratório estéril;

interna, a guerra de uma reação em cadeia começa
singela e lenta, bem serena, até que o catalisador
grite alto entre as moléculas o nome do descontrole,
infiltrando a fricção, inicialmente tímida, pelas
frinchas e fraturas do composto ainda líquido;

minúsculas frações lutam entre si, aquecidas, se desa-
justam resistindo, peças em brasa de um irrecuperável
puzzle, até que tudo cristalize desde as fimbrias,
no início, entre limites, projeta violentas cristas
contra as quais não há saída, esfria, solidifica,
o único bloco de fúria, a matéria fustigada pelos
centígrados pregressos; contra qualquer antídoto
ou plano de contingência, transposto esse novo ataque
sobre o desígnio antigo; extravasados da fase, tendo
todo o ciclo concluído, os átomos reatados, sem
pressa, ingredientes se acalmam na prensa de uma
das câmaras de catálise dessa indústria pesada;

terá sido a receita tão secreta, cifrada por séculos
na maçonaria, reduzida à metodologia ignígena da petro-
química? roubada d'algun longínquo tomo da alquimia,
mal interpretada em nossos dias, fazendo, ao invés, do
valioso ouro perpétuo, o mero chumbo espúrio e bruto?



bitolas

largura reguladora passível de ajuste, algo de acoplagem na tão buscada compatibilidade dos calibres, que, por ocasião de um encontro entre os tubos de um oleoduto, à eficácia da blindagem análoga à do crustáceo, protege a pérola que se pretende ilesa e inacessível quando a geléia negra passa abraçada por suas chapas de carapaça (petróleo no miolo, pastoso), nas argolas cuja bitola, por pressão, progressivamente engorda, requerendo o cálculo renovado para a última das medidas, distendida, para decidir o tamanho adequado a cada segmento atracado a toda compostura aparente de uma única linha de escoamento. entretanto, qualquer encontro entre diâmetros estranhos entre si reclama as bitolas equânimes, sem as quais, nunca se ajustariam (daí o milagre da hidráulica) as mais variadas alturas, de inúmeras embocaduras, ora tão absolutas na coligação.



corpo de prova

toda sua farinha química luta contra a obviedade, algo nele se transforma, varia a certa dosagem, prisma numa medida expressa em milímetros, ou cilindro preenchido pela própria matéria-prima, o que se quer extrair da mistura é o que dela impere contra qualquer intempérie, a comprovação de quanto material resistirá, e se ajustado, onde programá-lo; porque há nele algo posto longe do mundo, testando-o desde o núcleo e, por enquanto, apartado do próprio futuro, e sobre cujo interesse humano será preferível adaptar, se aqui ou lá (terra firme ou alto mar, determiná-lo ao lugar) onde o império da indústria necessite depositá-lo, quiçá sob águas agressivas, mergulhá-lo em sulfatos, em sais de magnésio e amoníaco, ou contra o aluminato não-volatilizado, que apesar de leve e maleável, é duro e reativo ao perigo; composto, que o enxofre sofra fora do óleo, no cálcio só reste o arbítrio do silicato bicálcico; há sílica aditivada ao cimento contra a retrogressão, porque algo nele se transtorna a certa dosagem (a rocha inda incha) [corpo de prova] mediado pelas condições da mais forte obviedade, ou contra as da máxima adversidade, assim este sólido, cilíndrico ou prismático, copo/ bloco, deve referendar a resistência, a duração, do material recolhido à anatomia, rumorosa ou silente, da própria provação.



sonda

de peito aberto, as costelas entranhadas/ sob a
profunda maré alta de águas pofusas;/ o creme
negro sugado pelo orifício do ventre
galvanizado,/ enquanto o único tentáculo
umbilical se acopla/ do abdome ao canal da
artéria petrolífera,/ recolhendo lento o fluxo
da produção/ até engoli-lo, todo o óleo do poço,
degluti-lo,/ futuros, plástico e combustível;/
sob o pretexto de tratá-lo à sanguessugas,/
sangra o planeta moribundo,/ os hematófagos são
arcaicas plataformas exploratórias,/ são grandes
madres ciganas, ora estacionárias, ora
transitórias,/ como nômades buscando o dito
alimento onde auditará a indústria,/ seus
acampamentos fixados unicamente por interesse
financeiro/ como zonas de extração no pré-sal.



mineração

repetidamente tiradas do hermético cofre-forte das épocas todas as vísceras telúricas, minuciosamente subtraídas da última furna de urântia; lentas e velhas escavadeiras cravaram nas trincas da crosta suas bocas de broca intrínseca e garras de escaravelhos vermelhos, arregaçaram na raça um vasto desgaste às grandes cavidades; enquanto convulsionam séculos desta devastação, depredam ainda tais máquinas fantásticas ainda, cavam, escalavram, por fendas e frestas de pedra fraturada, crateras expurgam escamas de lama à largura de uma escala colossal, ferro se desprende destas gretas, de brechas deveras abertas, cujas placas de goma-laca, outrora tão colocadas, agora se deslocam, se descolam num estupro às membranas do subterrâneo; sangram os abismos cristalinos de todo trâmite mineral enquanto se aprofunda o dano aos órgãos internos de gaia (o solo desassoreado) cresce a ferida à espinha dorsal inteira do animal planetário, sua medula de sôfrego enxofre — a lava vulcânica por tutano — o frêmito febril dos venenos, sua conversa cessa (é seca), nulo o sussurro do seu discurso úmido de túneis e fissuras; há hérnias no cerne dos metais; decretada a guerra às profundezas da terra, o ninho de ouroboros se desenterra (hades evade onde se alastra a metástase), rendido ao poderio frio de perfuratrizes assíduas, ao exército de hirsutos martelos em decúbito, parasitas da lâmina petrolífera.



5/cinco cilindros

*Gasômetro gases cilindros silêncios:
zona de águas pardas que guarda
mansardas no escuro sem cura
em galões de gradis e sardas
ziguezagues de zinco de zanga [...]
(Há gás Hsss Hsss Hsss) [...]
se do gasômetro, para que estômago?
- no âmago sempre zona
que guarda águas pardas: estôjo
de nojo de gases de goma.*

Mauro Gama

cinco cilindros mínimos,	1
inchados sob o perigo dum	2
líquido desconhecido: água	3
trancada, óleo, um visgo,	4
o cloro fluido, inóspito, ou	5
qualquer produto químico;	



cinco cilindros inflados, os
buchos revestidos de chum-
bo, cheios de ar, de vácuo,
dióxido de carbono, hidro-
gênio como recheio, ou
qualquer outro gás tóxico;

1
2
3
4
5

cinco cilindros rombudos,
invólucros, tubos lubrificados
destilando algo solúvel,
veneno cáustico, até letal:
metanol, nitro, estriquinina
ou qualquer suco sulfúrico;

1
2
3
4
5

cinco cilindros incríveis, tão
capazes de reter a extrema
pressão interna, apesar da
força brutal impressa a
cada uma das cascas, ao a-
ço reforçado das couraças;

1
2
3
4
5

cinco cilindros resistindo, con-
tra a corrosão, nos conteúdos de
seus dentros aguentam ao ponto
crítico, até que rompam no
pânico, úlceras no incêncio, sa-
botagem do parque industrial.

1
2
3
4
5

4/quatro motores

*O todo sem parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo*

Gregório de Matos

o tranco de quatro motores de arranque entrando em trabalho de marcha; o tanque da gasolina, combustão sob as turbinas, os tambores de rotação do eixo, e mexendo a corrente rente ao eixo seguinte ainda a outro avança, em exigência sucessiva; os quatro igualados em ciclo, ligados, sem exceção a resistência das amarras;

1
2
3
4



uma só percinta os une ao único sistema de potências, anelados sob delgada argola que os contém e amarrados os quatro, cada qual pelo lado, à alta correria das correias; o ronco gratuito dos reatores graúdos declara a regulagem da descarga; os quatro agrupados, e juntos, disfarçando um a fraqueza do outro, caso ocorra, rara, falha inexplicável;

1
2
3
4

todos quatro instalados, sem que haja um erro interno sequer que os emperre ou quebre, tanto dentro do guindaste, quanto de um iate, obedecem, fiéis, na força exata à manutenção do empuxo reclamado; do uso bruto ao luxo aristocrata, não se politizaram em nada, motores são apenas os escravos (meios para um fim nas mãos do proprietário);

1
2
3
4

outrora autônomos, os quatro agora aglomeram-se em bloco um grau mais complexo que quando operavam *solo*; um truque atrelando os nomes, gêmeos quádruplos, nenhum aloca o controle mas todos integram um encontro igualitário entre motores; mesmo submetidos ao enigma homocinético, a cada hora, a demora redobra o calor que os radiadores apenas adiam.

1
2
3
4

sobre o autor

** Alexandre Guarnieri nasceu no Rio de Janeiro (em 1974), é Arte-educado habilitado em História da Arte pelo Instituto de Artes da UERJ, e Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO). Integrou, a partir de 1993, o movimento carioca da poesia falada. Fez parte da primeira formação do grupo performático "*V de Verso*", coordenado pelo poeta Chacal. Junto com o poeta Flávio Corrêa de Mello, coordenou o *NCP* (Núcleo de Criação Poética) do Sobrado Cultural, na zona norte do Rio, onde mantinham o recital mensal "*Poesia no Sobrado*". Publicou poemas em revistas e jornais, dentre eles o *Panorama da Palavra* (do qual foi colaborador), a *Revista Urbana*, *O Carioca*, *La Isle.com*, o *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

"*Casa das Máquinas*" (Editora da Palavra, RJ, 2011) é seu livro de estréia.

email: alex.guarni@gmail.com

Nesta seleção os poemas "catálise pesada", "bitolas", "mineração", "5 cilindros" e "4 motores" integram o livro "*Casa das Máquinas*";

Os poemas "corpo de prova" e "sonda", são inéditos.

Alexandre Guarnieri (foto do autor)

